

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA  
**BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

NOVA SÉRIE  
BELÉM — PARÁ — BRASIL

---

BOTÂNICA

N.º 26

JANEIRO, 27, 1967

---

**O GUARANÁ (*PAULLINIA CUPANA*, VAR. *SORBILIS*) EM  
ESTADO PROVÁVELMENTE ESPONTÂNEO, NO PLANALTO  
DE SANTARÉM, PARÁ**

PAULO B. CAVALCANTE (\*)  
Museu Goeldi

Na imensa Amazônia as explorações científicas em muitas áreas, até o presente momento, têm estado condicionadas aos cursos d'água; isto quer dizer que as margens dos rios e igarapés navegáveis são, de certo modo, as partes mais exploradas, permanecendo ainda praticamente desconhecidas, extensas áreas interiores.

Ducke & Black (1954 : 17), grandes investigadores desta região até a década passada, já diziam : "... ainda desconhecemos quase por completo a flora das terras altas entre os rios navegáveis. E mesmo nas partes francamente acessíveis da região, largas, extensões permanecem inexploradas." Huber (1909 : 93) também assim se expressou : "... o estudo da composição das florestas nas diferentes partes da Amazônia apenas pode ser considerado como sendo no seu princípio, logo que se trata das regiões afastadas das principais vias de comunicações que são os rios e igarapés." Isso que afirmou o notável botânico, há quase seis décadas passadas, ainda é válido para o presente.

Muito recentemente o surto de rodovias na Amazônia veio facilitar as explorações naqueles locais até então inacessíveis. No presente caso está uma área de floresta do Baixo Amazonas, delimitada pelas bacias do Tapajós e do Xingu, entre as

---

(\*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

quais corre o rio Curuá-Una, de caudal relativamente pequena. Há bem pouco tempo o Departamento de Estradas de Rodagem iniciou ali a construção de uma estrada, numa extensão de setenta quilômetros, ligando Santarém, sede do Município, às primeiras cachoeiras do Curuá-Una (Cachoeira do Portão e Cachoeira do Palhão). Em sua segunda metade essa estrada penetra num trecho de mata virgem, típica das florestas de terra firme da Amazônia.

Aproveitando as facilidades postas a nossa disposição por aquele Departamento, organizamos uma excursão para coleta de material botânico no local acima, iniciando os trabalhos a 29 de novembro de 1966, visto que ainda se processava o desmatamento.

Concluídos os trabalhos de coleta em sua primeira etapa, isto é, ao longo da estrada, passamos a realizar incursões no sentido perpendicular à mesma. A uma distância de um quilômetro, no interior da mata, encontramos uma árvore tombada naturalmente, com os galhos envolvidos por um cipó lenhoso que, pelas fôlhas e frutos, reconhecemos imediatamente estar em presença da planta do guaraná. A observação de alguns caracteres, citados por Ducke (1937 : 156), indicou tratar-se da subespécie ou variedade *sorbilis*. Um exame mais atento em volta revelou-nos a existência, em abundância, de outros indivíduos, em fases diferentes de crescimento, a partir de vinte centímetros para cima.

Tratando-se de mata virgem típica, bastante alta, essa descoberta surpreendeu-nos e causou certa dúvida, pois sabemos que a existência do guaraná em sua forma espontânea ou selvagem ainda não foi constatada, sendo, pois, uma planta conhecida somente em culturas, principalmente no Município de Maués, Estado do Amazonas e em outros pontos em pequena escala. Pires (1949 : 9), profundo conhecedor da flora amazônica afirma que : “Tendo escapado da cultura, pode ser encontrada em capoeiras ou beiras de mata virgem mas a sua presença indica ter existido no local antigas habitações de homens brancos ou indígenas.” Ducke (1937 : 156), também afirma,

referindo-se às duas variedades, *Paullinia cupana*, var. *típica*, do alto Rio Negro e Orenoco e *P. cupana*, var. *sorbilis* de Maués : “(ainda não encontradas em estado indubitavelmente espontâneo)”.

Em vista dos fatos e afirmações acima, restou-nos investigar mais detidamente a área no intuito de esclarecer, tanto quanto possível, futuras discussões sôbre o assunto. Sem dúvida alguma a mata é de idade ultra-secular o que é comprovado pelo porte de certas essências encontradas no local, tais como a castanheira (*Bertholetia excelsa* H. B. K.) que atinge até dois metros de diâmetro no tronco, conforme constatamos. É sabido que o pau amarelo (*Euxylophora paraensis* Hub.) é uma das árvores amazônicas de crescimento mais lento. Nessa mata um indivíduo derrubado acusou 45 m de comprimento por 1,30 m de diâmetro no tronco. Estes dois exemplos são suficientes para atestar a antiguidade dessa floresta. Quanto ao sólo, apresenta-se bastante argiloso, muito “liguento” e “escorregadio” quando molhado; supomos ser do mesmo tipo escolhido em Maués para plantio do guaraná.

Rumando mais para o interior da mata, cêrca de um quilômetro, até aonde pudemos ir na ocasião, encontramos plantas do guaraná, tanto adultas como jôvens, estas em certos locais, quase atapetando o sólo. Idênticas penetrações foram feitas em outras direções, de um lado e do outro da estrada, cobrindo uma área estimada em cinco quilômetros de diâmetro, tendo como centro o acampamento; em todo o momento era constatada a presença do guaraná e acreditamos mesmo que a ocorrência da planta vai muito além.

Não há, também, nesse local, vestígios de antigas habitações que nos levem a pressupor tratar-se de restos de culturas passadas. E nem poderia ser, pelo fato de ser u'a mata nitidamente primária e antiga como acima já nos referimos.

Assim levantamos a nossa hipótese de que, não seria êsse, um guaranazal espontâneo ou selvagem e, não teria sido êsse sítio a fonte de onde levaram a planta para o Município de Maués? Deixamos, aqui, a nossa interrogação à espera de uma

resposta, conseqüente de investigações futuras, mais detidas e circunstanciadas, por quem se interesse pelo assunto.

Nas condições como ocorre no local em questão, não é, êsse guaranzal, economicamente explorável. Sendo uma planta essencialmente heliófila, desenvolve-se até alcançar o extrato superior da mata, em média a 40 m de altura, onde, em plena luz, floresce e frutifica, sendo portanto impossível a sua colheita; as sementes ao caírem, em profusão, perdem-se na camada do humo e o que comprova a abundância das mesmas é o grande número de plântulas no subosque da mata.

#### AGRADECIMENTOS

Expressamos aqui os nossos agradecimentos : ao Cel. Av. Protásio Lopes de Oliveira, chefe do Estado-Maior da Primeira Zona Aérea, pela inestimável colaboração no transporte do pessoal e equipamento; ao Departamento de Estradas de Rodagem, na pessoa de seu Diretor, Dr. Alirio Cesar de Oliveira, pela gentileza em pôr à nossa disposição os meios de que necessitávamos daquele Departamento; ao Dr. Bianor Beltrão da Silva, Eng. -Chefe da Terceira Divisão Regional do mesmo Departamento, pela valiosa cooperação, facilitando viaturas e as instalações de acampamento, além de outras providências; finalmente ao nosso auxiliar Milton Gonçalves da Silva pela dedicação e eficiência com que se conduziu. Sem essas colaborações não teríamos o êxito alcançado.

#### SUMMARY

With the increase of roads, recently observed in the Amazonia, it is possible now, undertake excursions on places until now inaccessible. The opening of a road, connecting Santarem to the Curuá-Una River, in a length of 70 kilometres, made possible to us, explore a area of high and primary wood, where there are trees of considerable economical importance. In that

forest was found the plant of "guaraná" (*Paullinia cupana* H.B.K., var *sorbilis* (Mart.) Ducke); being an old wood, without signs of ancient habitations of indians, the author suppose to speak well for the guaraná on the spontaneous condition, event that, not realized up to date. On sight that, the author presents the hypothesis of that could have been that spot, the source from where derived the plants cultivated on Municipio of Maués, State Amazonas, at long time ago.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

DUCKE, A.

1937 — Diversidade dos guaranás. *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, 3 (10) : 155-156, 3 est.

DUCKE, A. & BLACK, G. A.

1954 — Notas sobre a fitogeografia da Amazônia brasileira. *Boletim Técnico do Instituto Agrônômico do Norte*, Belém, 29. 62 p. map.

HUBER, J.

1909 — Matas e madeiras amazônicas. *Boletim do Museu Goeldi*, Belém, 6 : 91-225.

PIRES, J. M.

1949 — Guaraná e cupana. *Revista da Sociedade dos Agrônomos e Veterinários do Pará*, Belém, 1 (3) : 9-20.